

Ulysses lidera presidencialistas

O presidente Sarney se encontra particularmente convencido de que, apesar dos acidentes de percurso que vêm marcando o seu relacionamento político com Ulysses, os dois estarão aliados na Constituinte, perseguindo objetivos comuns. Como o de dar a Sarney o mandato de cinco anos e dotar o País de um regime presidencialista, embora munindo o Congresso de amplos poderes. Anteontem, participando de um jantar com vários parlamentares do PMDB, o deputado Ulysses Guimarães envolveu-se em cordial debate com o deputado Pimenta da Veiga, ambos estavam em posições opostas, com Pimenta defendendo o parlamentarismo, contra as opiniões de Ulysses Guimarães e Humberto Lucena, estes dois presidencialistas convictos.

O senador paranaense Affonso Camargo, que se inclui no grupo que batalha pelas eleições presidenciais diretas em 88, reconhece, com base no presente quadro de indicadores políticos, que a Constituinte deverá dar a Sarney o mandato de cinco anos. Do mesmo modo admite que cresce na Constituinte o movimento em favor do presidencialismo. O deputado Ulysses Guimarães, com espírito realista, admite que se a votação fosse feita hoje, venceria o parlamentarismo. Mas como a fase de decisão só ocorrerá no final do ano, acredita que até lá ganhará força e densidade o presidencialismo. Aliados poderosos com os quais contarão os presidencialistas serão certamente os governadores, quase todos alimentando a ambição de conquistar a Presidência da República. O senador cearense Virgílio Távora, do PDS, dos mais experimentados parlamentares da Constituinte, dada a sua grande vivência política, detecta também de sua parte a crescente atividade entre seus pares a favor do presidencialismo.

Novo partido de esquerda

O grupo político de centro-

esquerda, coordenado dentro do PMDB pelo senador paranaense Affonso Camargo, espera no início de setembro congregar-se num novo partido, antes da fase decisiva da Constituinte. Há a expectativa de atrair para o novo partido personalidades de grande destaque político do PMDB, como o paulista Fernando Henrique Cardoso, os mineiros Itamar Franco e Pimenta da Veiga, o fluminense Roberto Saturnino, o pernambucano Mansueto de Lavor, o gaúcho Paulo Bisol e o catarinense Nelson Vedekin, entre outros. Todos eles, segundo se acentua, têm uma personalidade e uma imagem, tanto no nível nacional como estadual, comprometidas com as reformas e o progresso sociais. Ao contrário do PMDB, a nova agremiação política nasce definitivamente como um partido reformista, sem o caráter de frente que ainda hoje caracteriza o PMDB.

Os estatutos e toda a organização interna do novo partido estão sendo providenciados pelo ex-deputado João Gilberto, do Rio Grande do Sul. As lideranças políticas comprometidas com esse movimento entendem ser indispensável criar um novo partido que venha a preencher o espaço ocupado pelo PMDB. Do contrário, partem do pressuposto de que só quem poderá se beneficiar com o vazio político deixado na área de esquerda pelo PMDB será o PT.

Brizola e os empresários

O deputado baiano Prisco Viana, do PMDB, elogiava ontem à tarde na frente de vários jornalistas o comportamento racional e o espírito público demonstrados pelo deputado fluminense César Maia, do PDT, na comissão interpartidária de que ambos participam, destinada a encontrar fórmulas comuns de entendimento na Constituinte. Nisso aproximou-se o deputado César Maia, o qual informou aos jornalistas que o ex-governador Leonel Brizola já

aceita uma Constituição sintética, ele que anteriormente se inclinava mais por um texto analítico. Ainda segundo o parlamentar fluminense, Brizola resolveu também aprofundar os seus contatos na área empresarial, depois de recente reunião mantida com dirigentes da Fiesp em São Paulo. Aproveitando a oportunidade de sua participação, dia 7, no comício das diretas em Caruarú, Brizola programou um encontro com as lideranças empresariais de Pernambuco.

Delfim, o FMI e o PMDB

O ex-ministro e deputado Delfim Netto, do PDS, é da opinião de que o Plano Bresser não produzirá os efeitos esperados por seu autor, tendo em vista que o déficit público permanece praticamente intocável. Segundo o ex-ministro, até o final do governo Sarney ainda vamos ter oito planos econômicos, semelhantes ao Cruzado e ao mais recente, de autoria do ministro Bresser. A única providência, diz ele, que o Governo adotou para conter o déficit foi o fim do subsídio do trigo, mas em seguida vieram nomeações na área da Fazenda e da Previdência Social que anularam a medida inicial. Perguntado se acredita no apoio do PMDB à ida do Brasil ao FMI, respondeu negativamente, acentuando, a propósito:

— Para tanto falta ao PMDB coragem e competência.

O deputado paranaense Hélio Duque, do PMDB, não vê clima psicológico no seu partido a favor de uma negociação com os credores que incluía o FMI. Por sua vez, o senador baiano Luiz Vianna Filho tem ponto de vista contrário: acha que não há inconveniente num acordo com o FMI, desde que não ocorra interferência nos assuntos internos brasileiros. O ex-ministro e deputado Allysson Paulinelli, do PFL, diz que a postura do FMI em relação aos endividados mudou muito, não vendo assim razão para se ficar contra o entendimento com aquela instituição internacional.